G.C.E.R.E.S.
Os Protegidos da Princesa
15 Outubro 1947

Os Protegidos da Princesa

Grêmio Cultural Esportivo Recreativo Escola de Samba

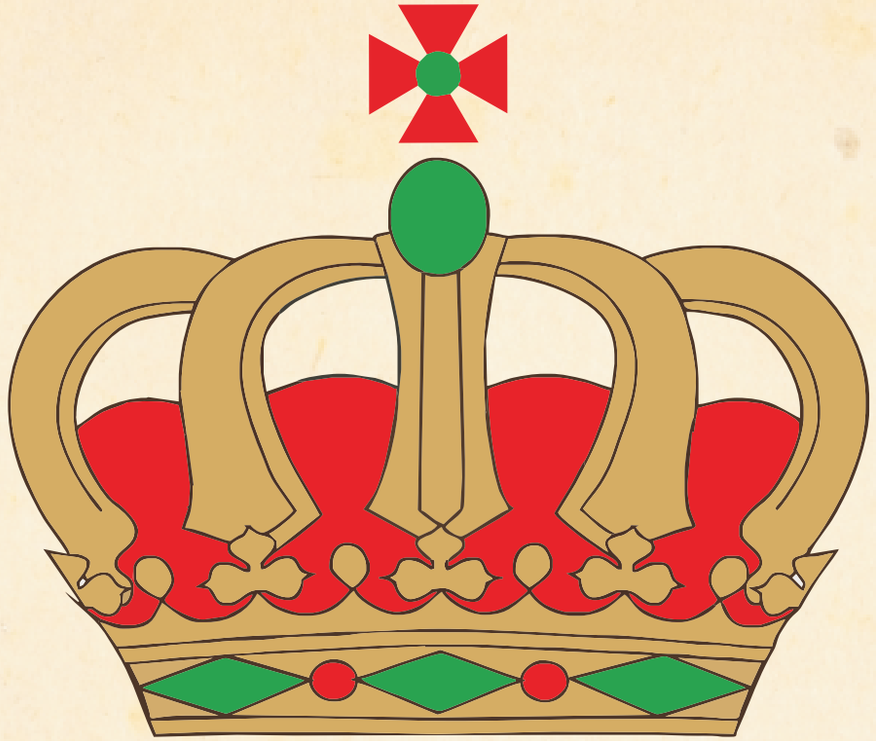
Nós somos a resistência do samba.

Carnaval 2011

Ein Prosit Oktober
Cerveja: O pão líquido dos Deuses.

Para fazer história não basta tinta e papel.
Toda história é feita por pessoas que fazem
da sua vida uma eterna paixão.

Florianópolis, 05 de março de 2011



G.C.E.R.E.S.

Os Protegidos da Princesa

18 Outubro 1948



Nós somos a resistência do samba

Palavra do Presidente

A Protegidos tem um sonho: conquistar sua 25ª estrela no Carnaval 2011. Seguramente, nossa escola jamais esteve tão empenhada e unida em torno de um objetivo como nos últimos doze meses. Muito mais do que um título, buscamos a coroação de um trabalho de resgate da auto-estima de nossa comunidade e componentes em geral, um trabalho de fortalecimento de nossos mais variados segmentos realizado nos últimos anos. Não é apenas o projeto de um carnaval, é um projeto de escola, de conquistas graduais dos Protegidos da Princesa.

Para tanto, vem sendo fomentado o desenvolvimento das mais diversas dimensões de nossa agremiação: culturais, artísticas e sociais. Afinal, uma escola de samba não existe apenas para o desfile de carnaval, mas também para promover a inclusão sócio-cultural de seus integrantes. Hoje, contamos com a mão-de-obra da comunidade do Morro do Mocotó na maioria de nossos trabalhos, a Velha Guarda está de volta à escola, após anos de afastamento, a Ala de Compositores é uma referência musical em Santa Catarina, o Grêmio Feminino é um modelo de sucesso e a Escolinha de Mestre-Sala e Porta-Bandeira atende a dezenas de jovens que se apaixonam diariamente pela dança e pelo carnaval. Em suma, a Protegidos está fortalecida, de alma completa e corpo inteiro.

Este carnaval é resultado direto dos esforços realizados por cada componente de nossa escola. Mostrar a Protegidos da Princesa ao povo de Florianópolis e a todos que acompanham carnaval é manter viva a chama de uma das maiores riquezas populares produzidas nesta ilha há 62 anos. Em nosso tema, trazemos novamente a preocupação cultural. A partir de uma bebida, apresentaremos aspectos históricos pouco conhecidos pelo grande público. Além da diversão, quem participar ou assistir nosso carnaval terá a oportunidade de aprender coisas novas. Afinal, nada se iguala à sabedoria da cultura popular.

«Nós somos a resistência do samba.»

Moacyr Gomes
Presidente

Dados de Identificação

Razão social: Grêmio Cultural Esportivo e Recreativo Escola de Samba Os Protegidos da Princesa

Data de fundação: 18 de outubro de 1948

CNPJ: 75.527.796/0001-34

Cores da escola: verde, vermelho e branco

Endereço do barracão: Rua Coronel Luiz Caldeira, n. 200, Itacorubi, Florianópolis-SC - CEP: 88034-110

Endereço da secretaria: Rua Anita Garibaldi, n. 381, Centro - Florianópolis-SC - CEP: 88020-120

Telefone para contato: (48) 3879-7888

E-mail: osprotegidosdaprincesa@gmail.com

Web Site: www.protegidos.com.br

Nossa História

O carnaval é considerado uma das festas mais populares, animadas e representativas do mundo.

Baseado nessa certeza, um grupo de amigos, liderados por um jovem chamado Boaventura Libânio da Silva, fundou em 18 de outubro de 1948, a Escola de Samba Os Protegidos da Princesa. Além do jovem Libânio, encontravam-se Sílvio Serafim da Luz, Benjamin João Pereira e Ibio Rosa.

O nome Os Protegidos da Princesa foi atribuído em homenagem à Princesa Isabel, devido a sua condescendência em abolir a escravatura no Brasil, assinando a Lei Áurea em 13 de maio de 1888. Mais tarde, passou a se chamar Grêmio Recreativo Escola de Samba Os Protegidos da Princesa, já com cadastro nacional de pessoa jurídica e com endereço fixo. Em 1966, a Escola foi reconhecida de utilidade pública, pela Lei Estadual nº 777, de 13/09/1966 e publicada no Diário Oficial nº 8134 de 13/09/1966. Em 1949, um ano após a sua fundação, a Escola de Samba, mais antiga de Florianópolis e hoje mais vezes campeã de carnavais do Brasil, ganharia o seu primeiro título.

Ao longo desses sessenta e dois anos, que a Escola Os Protegidos da Princesa completa em 2010, a Agremiação buscou representar na avenida fatos históricos, personagens e temas que refletiram épocas, não apenas da cultura catarinense, como também da cultura brasileira. Já "cantamos" essa cidade, com enredos como "Floripa, terra do já teve" (1996) e "A ilha de casos e ocasos raros" (1987), homenageamos poetas como Cruz e Sousa (1978), boêmios famosos como Zininho (1999), autor do hino de Florianópolis - Rancho de Amor à Ilha e até quem tanto lutou pela cultura da nossa cidade, Aldírio Simões, com o enredo "A Ilha que Aldírio sonhou" (2005).

Atualmente, a entidade tornou-se ainda mais forte, devido a algumas ações que visaram resgatar seus antigos componentes, tais como o retorno da Velha Guarda e, principalmente, a valorização da sua comunidade base, fazendo com que esta não só apoiasse a Agremiação, mas também fosse inserida em suas diversas atividades. Além disso, manteve-se em atividade o Projeto da Escolinha de Mestre Sala e Porta Bandeira, que incentivou diretamente o envolvimento das mães no trabalho da confecção de fantasias.

Por fim, a Escola orgulha-se de hoje contar com a Comunidade, pois, vem desta, a produção de 50% dos carros alegóricos e a confecção de 70% de suas alas. Provando assim, que a comunidade está realmente envolvida com a Escola.

Alguns enredos e títulos:

No ano de 1977 fez uma homenagem a Anita Garibaldi com o enredo: "Heroína de dois mundos" e ficou com o campeonato.

Em 1978 apresentou "Cruz e Souza - Alegria do povo e orgulho da raça" e foi bi-campeã.

Foi tri-campeã em 1979 quando contou a visita histórica da Família Real a cidade de Santo Amaro da Imperatriz o tema foi "A visita da Família Imperial a Santo Amaro da Imperatriz."

Na década de 1980 a escola foi campeã em apenas duas oportunidades em 1981 e 1983.

Nos anos posteriores, apesar de um longo jejum, apresentou carnavais marcantes com temáticas inovadoras, como "Em busca do destino" (1986) e "A fantástica máquina humana" (1993).

Voltou a ser campeã em 2001 com o enredo "O Manézinho que Encantou o Mundo", uma homenagem ao tenista Gustavo Kuerten. Em 2002, foi bi-campeã com o enredo "Uma Ópera na Avenida - O Guarani".

No ano de 2009, com uma emocionante homenagem a Beto Carrero, a escola terminou na 3ª colocação.

No último carnaval, "Um grito em favor da vida, Energia Renovável é a Terra Preservada", consagrou-se Vice-Campeã, com 261,2 pontos. A Bateria Furiosa conquistou o tricampeonato do Concurso Tamborim de Ouro e 3 notas 10, firmando-se como uma das "sensações" do carnaval de Florianópolis.

Essa é a Escola de Samba Os Protegidos da Princesa, a mais antiga de Florianópolis e maior detentora de títulos do Brasil.

Títulos conquistados

A Protegidos da Princesa é a agremiação carnavalesca mais vezes campeã do carnaval de Florianópolis. Atualmente, possui 24 títulos, descritos no quadro abaixo. Não ocorreram desfiles em 1952, 1953, 1954, 1988, 1994, 1997 e 1998. A Protegidos da Princesa não desfilou em 1955 e 1973. É esse espírito vencedor que nos conduz neste ano de 2011, na busca pela 25ª estrela.

Década de 1940
1949

Década de 1950
1950
1951
1957
1958
1959

Década de 1960
1960
1961
1963
1964
1965
1968
1969

Década de 1970
1970
1971
1975
1977
1978
1979

Década de 1980
1981
1983
1985

Década de 2000
2001
2002



Introdução

Carnaval, Oktober e cerveja parece ser um trio perfeito: os três combinam com alegria. A Protegidos da Princesa traz para este carnaval histórias que caminham juntas: a da cerveja, a da imigração alemã para Santa Catarina e a da Oktoberfest. Duas dessas histórias se devem quase ao acaso: a invenção (ou descoberta) da cerveja e o nascimento da festa de outubro ou Oktoberfest (em alemão). Aquele líquido surgido da fermentação do pão junto com a água dera origem entre os Sumérios a uma bebida rústica que é cada vez mais elaborada e apreciada há mais de 5000 anos; por sua vez, quando o rei da Baviera, região ao sul da Alemanha, pensou em convidar toda a população de seu reino para a festa de casamento de seu filho, regada à cerveja, não imaginou que ela se repetiria por séculos até se tornar a maior festa da cerveja do mundo, realizada anualmente e exportada, chegando até mesmo à cidade de Blumenau, em Santa Catarina, a mais de dez mil quilômetros de Munique, capital da Baviera. O que era impossível de imaginar é que esta festa poderia dar samba. Menos ao acaso foi a imigração alemã para Santa Catarina; mas muitas surpresas também aconteceram. E será em uma atmosfera de surpresas que a Protegidos fará seu desfile de 2011: Venha descobri-las

Sinopse do Enredo

«Ein Prosit» Oktober. Cerveja o pão líquido dos deuses.

A cerveja, criação divina

O acaso nos trouxe uma das mais populares bebidas do mundo: um pouco de massa de pão deixada pelo lado de fora de casa, molhada, fermentava e se tornava ainda melhor. Isso aconteceu entre os Sumérios, povo do Oriente Médio, há mais de cinco mil anos. Era uma espécie de cerveja primitiva, o "pão líquido dos deuses". Com o passar dos tempos, os Sumérios e os Babilônios dominavam a fabricação de 20 tipos de cerveja diferentes. A "Sikaru" era utilizada para honrar os deuses e alimentar os doentes; por sua vez, a deusa da cerveja se chamava "Ninkasi" (aquela que enche a boca) cujo hino a ela dedicado era uma receita de cerveja.

A cerveja se popularizou entre os povos antigos e ultrapassou os limites da Mesopotâmia e logo chegou ao Egito. A primeira cervejaria que se tem notícia no Egito data de 5.400 anos a. C.. Lá, a cerveja fazia parte inclusive do receituário médico. Ela era oferecida aos deuses; dada regularmente aos escravos que construíram as pirâmides e colocada dentro dos sarcófagos dos faraós para que eles tivessem uma provisão do pão líquido após a morte.

Os Egípcios ensinaram aos gregos os segredos da cerveja. Esses, por sua vez, ensinaram a arte de produzir cerveja aos romanos. Todavia, em 500 a.C. e no período subseqüente, gregos e romanos deram preferência ao vinho. A cerveja passou então a ser a bebida das classes menos favorecidas, muito apreciada nas regiões sob domínio romano, principalmente pelos germanos e gauleses. Foi nessa época que as palavras cervisia ou cerevisia passaram a ser utilizadas pelos romanos, em homenagem a "Ceres", deusa da agricultura e da fertilidade. Na Gália (hoje região da França), tradicionalmente consumidora de cerveja, a influência do vinho romano atingiu, sobretudo, as elites. Mas os pobres continuavam bebendo uma cerveja feita de trigo, misturada ou não com mel. O vinho das legiões romanas não se impôs aos povos que ficaram fora do Império. A cerveja permaneceu a bebida eleita nas regiões nórdicas, fato confirmado pelas lendas e mitologias locais.

Na Idade Média, a produção e consumo de cerveja tiveram um grande impulso, muito por causa da influência dos mosteiros, locais onde este produto era não só tecnicamente melhorado, como também produzido, consumido e vendido. Naquela época, os mosteiros eram como um hotel para viajantes, oferecendo abrigo, comida e bebida aos peregrinos. Há relatos inclusive de milagres que transformaram água em cerveja, como é o caso de Santa Brígida na Escócia. Em alguns lugares, a cerveja chegou mesmo a ser mais popular do que a água, pois o processo de fabrico fazia com que muitas das impurezas fossem filtradas o que fazia muita gente trocar água por cerveja. No século XII, os cervejeiros de ofício suplantavam os monges.

Em 1516, na Alemanha, foi criada uma lei que defendeu a produção de cerveja de qualidade. Até então, utilizavam-se ingredientes muito estranhos para aromatizar as cervejas como, por exemplo, folhas de pinheiro, cerejas silvestres e ervas variadas. Foi o Duque Wilhelm IV da Baviera o criador da Reinheitsgebot - lei da pureza - que tornou ilegal o uso de outros ingredientes no fabrico de cerveja que não fossem água, cevada e lúpulo (nessa época ainda não se conhecia e utilizava conscientemente a levedura). O crescimento das exportações fez com que muitas cidades alemãs ficassem famosas. Munique é provavelmente a mais conhecida cidade cervejeira da Alemanha.

Os estudos de Louis Pasteur em 1876 sobre o fermento e os microorganismos possibilitaram o início da preservação dos alimentos devido ao método da pasteurização. Tal descoberta deu um forte ímpeto às cervejarias, para além de ter possibilitado a preservação da cerveja de um modo mais eficiente. O uso da pasteurização é que diferencia o Chope da Cerveja tradicional.

E como a cerveja chegou ao nosso País?

Não foram os alemães que trouxeram a cerveja para o Brasil; ela veio junto com a família real portuguesa em 1808, pois o rei D. João (o bisavô da princesa pela qual somos Protegidos) adorava a cerveja tipo Ale fabricada na Inglaterra (mais escura e encorpada que a Lager fabricada na Alemanha). No entanto, ela era restrita a poucos. A primeira notícia de fabricação de uma cerveja brasileira data de 1836; e se a introdução da cerveja em território brasileiro não foi tarefa dos alemães, a fabricação de cerveja no Brasil está fortemente marcada pelos migrantes vindos da Alemanha.

A imigração alemã para o Brasil

Cerca de 250 mil alemães migraram para o Brasil. Foi após as guerras napoleônicas que a primeira leva de alemães chegou no território catarinense. Aqui, as famílias alemãs encontraram terras bem diferentes daquelas prometidas; depois de uma cansativa viagem marítima conheceram um território com pouca infra-estrutura, restrições à liberdade religiosa, doenças tropicais e índios, que chamavam de bugres, com os quais não foi estabelecida uma relação harmoniosa. Tinham a missão de povoar o grande vazio demográfico entre o planalto e o litoral. Os soldados alemães que vieram para lutar na Guerra Cisplatina foram depois entregues aos núcleos coloniais recém-criados.

O Início do processo de colonização foi uma decisão do Rei D. João VI; a abertura dos portos em 1808 teve como conseqüência a vinda de inúmeros estrangeiros para o Brasil: um edital do príncipe regente permitia a imigração de não-portugueses, concedendo terras a católicos de outras nacionalidades. Os alemães, por serem bons agricultores, eram considerados os imigrantes ideais para povoar as terras do sul do Brasil. A carta régia previa concessões substancias aos imigrantes.

A primeira colônia alemã expressiva em Santa Catarina foi São Pedro de Alcântara, criada em 1º de março de 1829. Os alemães que ali se implantaram chegaram a Desterro no ano anterior nos navios Luíza e Marquês de Viana. A colônia não prosperou devido a pouca qualidade das terras e à falta de apoio governamental; no entanto, deu impulso a novas colônias próximas ao rio Itajaí-Açu. Até hoje São Pedro de Alcântara conserva a herança dos primeiros anos de colonização. A cidade foi batizada em homenagem à família imperial e criada para fortalecer o território por onde passava a estrada que ligava Desterro a Lages.

A partir de 1840 houve um novo impulso de migração alemã para Santa Catarina. Os grandes núcleos de colonização só iriam prosperar a partir de 1850 com a fundação de Blumenau e Joinville em 1851. Destaque para o colonizador Dr. Hermann Otto Blumenau. Ainda hoje, encontramos em Blumenau os traços da cultura alemã; aliás, Blumenau é a própria cultura alemã. Foi através do rio Itajaí-Açu que corta a cidade que chegaram os primeiros colonos.

Em 1852 criou-se a colônia de Dona Francisca, com a chegada de 124 imigrantes e foi rebatizada em homenagem ao príncipe Joinville, filho de Luís Felipe I, rei da França. Desenvolveu-se ali, uma indústria têxtil importante; a partir dessa colônia novas colônias foram geradas no médio vale do Itajaí-Açu e Itajaí-Mirim como Pomerode, São Bento, Itajaí, Indaial, Timbó, Gaspar e Guabiruba. A grande responsável pelo sucesso do início da colônia foi a Sociedade Colonizadora Hamburguesa que comprou as terras do príncipe. Joinville é hoje conhecida por seu parque industrial, um dos mais importantes do Brasil, mas nem por isto esqueceu a natureza e tem o título de cidade das flores.

A cidade considerada como a mais alemã do Brasil foi fundada por migrantes da região da Alemanha chamada Pomerânia e por isto foi batizada de Pomerode. Da arquitetura alemã ao hábito de falar alemão em casa ou nos clubes de caça e tiro, a cidade é o retrato fiel dos hábitos de imigrantes vindos do norte da Alemanha. O idioma alemão é obrigatório nas escolas desde a década de 1990; na rádio ouvimos música alemã; a educação e a economia são os destaques do lugar. Assim como todo o vale do Itajaí, Pomerode tem destaque pela culinária alemã: marreco recheado, cucas e bolachas caseiras.

"no ano de 1829, a Alemanha de hoje nem existia como um país, o que aconteceu somente a partir de 1871, demonstrando que vamos encontrar entre os imigrantes, uma diversidade muito grande.
Cada região conta com momentos peculiares (...). Seu amor a música contribuía para que se formassem desde conjuntos musicais, até uma grande orquestra. As bandinhas formavam o elemento fundamental na vida social da colônia, tudo era motivo de festa.
E a história assim foi contada: a despedida da Mãe Terra, a acolhida da Terra da Liberdade, a conquista, o fortalecimento nas colônias, o surgimento da indústria, modernidade e diversificação(...)
Uma epopéia de amor, de fibra e de esperança no mundo onde progresso e novas tecnologias andam de mãos dadas com a sensibilidade de a beleza"

As festas alemãs em Santa Catarina: "Outubro é festa!"

É neste contexto de uma geografia fortemente marcada pela cultura alemã que as festas regadas a cerveja se multiplicam, das pequenas às grandes localidades, com toda a sua cor, sabor e alegria. A principal dessas festas, a Oktoberfest de Blumenau, foi buscar na própria Alemanha a inspiração para sua realização: desde 1810 se realiza a Oktoberfest de Munique; naquele ano, aconteceu o casamento do príncipe herdeiro Luís (que se tornou Luis I da Baviera) com a princesa Tereza de Saxe-Hildburghausen. Todos os habitantes da região foram convidados para a festa que aconteceu no mesmo lugar onde hoje se realiza a maior festa da cerveja do mundo: a Theresienwiese. No encerramento da festa, aconteceu uma corrida de cavalos com a presença do Rei da Baviera; o sucesso foi tamanho que a festa se repetiu ano após ano, sendo cada vez mais freqüentada e chegando aos dias de hoje.

Em 1984 a prefeitura de Blumenau começou a organizar sua I Oktoberfest; no entanto, em agosto daquele ano, a exemplo do ano anterior, uma grande enchente atingiu a cidade. Mesmo com a catástrofe, a prefeitura manteve a festa que se tornou a maior festa alemã das Américas e um exemplo de superação de um povo frente a uma grande adversidade. A partir daquele ano a festa não parou de crescer, atraindo pessoas de todos os lugares do país.

Hoje, a Oktober (apelido carinhoso da Oktoberfest) é uma festa voltada à preservação das características tradicionalistas, disseminando ainda mais a dança, a música, a gastronomia, o folclore e os costumes alemães. Blumenau recebe anualmente mais de 700 mil pessoas na Vila Germânica para festejar a maior festa alemã das Américas, que também ajuda o desenvolvimento de cervejarias artesanais.

Durante os dias de festa, são muitas horas de música, bandas nacionais e alemãs. A Banda Cruzeiro é a mais antiga em atividade com mais de 60 anos de vida; ela se apresenta desde a segunda edição da festa. A fome é saciada através dos mais de 20 pontos de vendas de comida típica alemã e a sede através de mais de 50 bicas de cerveja.

Os desfiles que acontecem no centro de Blumenau são ainda outra atração da festa; realizados na rua XV de novembro, principal via da cidade, deles participam clubes de caça e tiro, grupos folclóricos e teatrais, a rainha e a princesa da Oktoberfest, representantes das festas de outubro de outras cidades catarinenses, o vovô Chopão, etc.

Durante a festa também ocorre o Concurso Nacional de Tomadores de Chope em Metro, nas categorias masculina e feminina. Cada recipiente do concurso totaliza 600 ml de chope.

No entanto, Blumenau não é a única cidade catarinense que celebra uma grande festa regada a cerveja no mês de outubro; em Brusque temos a Fenarreco, em Timbó temos a festa do Imigrante, em Jaraguá do Sul temos a Schützenfest, em Itapiranga uma outra Oktoberfest, entre outras.

Se samba, suor e cerveja já são uma combinação apreciadíssima pelos brasileiros, a Protegidos da Princesa tornará essa mistura ainda mais perfeita, transformando nesta noite a Nego Quirido na Theresienwiese, ou na Vila Germânica, os locais onde se realizam as maiores festas da cerveja do mundo... «Ein Prosit!» - do alemão, «um brinde!» - e muita cerveja pra comemorar!

Letra do Samba

«Ein prosit» Oktober. Cerveja, o pão líquido dos deuses.
(Conrado Laurindo/ Fred Inspiração/ Mancha do Cavaco/ Willian Tadeu)

Chegou fantasia
Que invade a alma e me faz delirar
Divina criação, o dom de transformar
Será milagre que a natureza brota em um "jardim"?
Traduz a fé em devoção que não tem fim
Prazer que o tempo não pode apagar
Arte de "purificar"
Na Alemanha, o sabor
Com a benção dos deuses, celebra o amor

EM "NOVO MUNDO", EU VI BRILHAR
"FELIZ CIDADE" EM CADA OLHAR
CATARINA, MEU AMOR
TERRA "SANTA" DE ESPLENDOR

Mãos tecendo o progresso
O braço forte arando o chão
Com sangue e suor, ergue a morada
"Sociedade" tão sonhada
"Florescendo" a imigração
Das mesmas águas que trazem lembranças da terra natal
E desafiam a coragem, eu vejo a alegria vencendo o caos
Em cada rua que passo
No mesmo compasso, bate o coração
Outubro é festa, a banda a tocar
Me leva a brindar... cerveja pra comemorar!

HOJE O POVO VAI CANTAR, FELIZ
SOU PROTEGIDOS, SOU RAIZ
VOU ME ACABAR, BRINCAR A NOITE INTEIRA
NA ALEMANHA BRASILEIRA

Considerações acerca da construção narrativa do samba

O samba-enredo da Protegidos da Princesa é fruto do trabalho de uma Ala de Compositores com cerca de 30 membros, que vem se tornando referência no Estado e se destacando na mídia especializada, tanto pela qualidade e lisura do concurso de samba, quanto pela intensa produção musical durante todo o ano.

Para 2011, nosso samba apresenta características que têm sido marcas da escola. A inteligibilidade, qualidade indispensável a um bom samba-enredo, é alcançada sem cair em descrições óbvias e maçantes do tema. Para isso, são utilizadas figuras de linguagem diversas, proporcionando alguns diferenciais à composição. No campo da melodia, novamente se destaca a busca pelo seu «casamento» com os sentimentos de cada momento narrado na letra. Embora consideremos a obra auto-explicativa, preparamos os comentários a seguir para evitar eventuais dúvidas e sugerir algumas interpretações.

Chegou fantasia
Que invade a alma e me faz delirar

Versos introdutórios ao **clima geral do desfile**. A fantasia do carnaval invade a alma e faz delirar. O mesmo ocorre com a cerveja, que nos leva à euforia, e também com a Oktoberfest, um tempo de fantasia em Blumenau que hoje será representado na Nego Quirido.

Divina criação, o dom de transformar
Será milagre que a natureza brota em um "jardim"?

A cerveja surgiu entre os **povos mesopotâmicos**. Na época, a transformação do pão em cerveja, provavelmente obra do acaso, foi considerada um milagre divino. Seus ingredientes vêm da natureza, brotam na terra... aqui, a palavra "jardim" é utilizada também como referência aos **Jardins Suspensos da Babilônia (abre-alas da escola)**. Se a cerveja surgiu na Mesopotâmia, seriam alguns de seus ingredientes cultivados nos famosos jardins?

No campo melódico, é interessante destacar que o verso "o dom de transformar" anuncia também um momento de transformação da melodia, que passa de tom menor para maior, procurando casar o que é dito na letra com o que é sentido na melodia.

Traduz a fé em devoção que não tem fim

De partida, cabe um esclarecimento, para evitar qualquer dúvida: fé e devoção não são a mesma coisa. Fé é a convicção pessoal de que algo seja verdade, geralmente associada ao sagrado. Devoção é uma prática religiosa que visa o alcance de objetivos espirituais através da fé em uma ou mais divindades. Devido à peculiaridade de seu preparo - uma transformação inexplicável para a época - a cerveja era associada e **oferecida a deuses** entre alguns povos, como os **egípcios**.

Prazer que o tempo não pode apagar
Arte de purificar
Na Alemanha, o sabor

A cerveja surgiu na Antigüidade, na região mesopotâmica, mas provocava uma sensação de prazer tão grande que nem mesmo o tempo pôde apagar, pois foi transmitida entre regiões e gerações: passou por diversos povos, como os **romanos e nórdicos** e atravessou eras, sendo apreciada e aperfeiçoada. Decidimos não fazer referências específicas a cada um desses povos, pois tornaria a composição maçante. Em vez disso, optamos por uma referência geral, entendendo que no processo de criação de um samba-enredo é necessário fazer escolhas e empreender uma narrativa do todo, passar a ideia geral do enredo para compreensão do público.

Ao chegar à região da Baviera, que atualmente pertence à Alemanha, a produção da cerveja foi regulada por uma **Lei de Pureza**, a partir da qual toda a atual Alemanha ficou mundialmente conhecida pela qualidade de sua cerveja.

Na Alemanha, o sabor
Com a benção dos deuses, celebra o amor

O verso "Na Alemanha, o sabor" também aparece aqui, pois foi aplicado com ambiguidade proposital: primeiro, a arte de purificar o sabor na Alemanha; depois, o sabor celebra o amor na Alemanha com a benção dos deuses.

A primeira Oktoberfest ocorreu para "celebrar o amor", foi a **festa de casamento dos príncipes da Baviera**. Com a repetição anual dos festejos, a cerveja foi gradativamente introduzida. Inventou-se uma tradição e não se pode negar que a Oktoberfest alemã é, indiretamente, uma repetição anual daquela grande festa de casamento, agora ressignificada, em novos contextos. Todos os anos, o "pão líquido dos deuses" celebra o amor, talvez não mais da maneira original, mas como um momento de congraçamento alemão.

EM "NOVO MUNDO", EU VI BRILHAR
"FELIZ CIDADE" EM CADA OLHAR
CATARINA, MEU AMOR
TERRA "SANTA" DE ESPLENDOR

Se a introdução da cerveja em território brasileiro não foi tarefa dos alemães, a fabricação da cerveja neste "novo mundo" está fortemente marcada por esses imigrantes, que chegaram a Santa Catarina e enfrentaram inúmeros desafios. Das dificuldades, construíram novas vidas e "felizes cidades", vivendo um caso de amor com nosso Estado (reafirmado anualmente em celebrações como a própria Oktoberfest).

O termo "novo mundo" é precedido pela preposição "em" e não pela conjunção "no" para manter o duplo sentido: "em novo mundo" se refere tanto à nova realidade como à noção da América como um "novo mundo"; isto se perderia se usássemos "no", pois a referência passaria a ser a um "novo mundo" específico (no caso, o do segundo sentido). **Na declaração de amor a Santa Catarina**, também procuramos surpreender: a melodia se torna doce e o nome Catarina aparece isolado, dando uma ideia quase de intimidade, um tom mais carinhoso.

Mãos tecendo o progresso
O braço forte arando o chão
Com sangue e suor, ergue a morada
"Sociedade" tão sonhada
"Florescendo" a imigração

Mais referências à **trajetória dos imigrantes** em terras catarinenses. Sua vinda está diretamente ligada a projetos nacionais associados a uma ideia europeia de progresso. A expressão "com sangue e suor" é não somente uma utilização poética da expressão "dar o sangue", como também uma referência à participação dos alemães como **soldados do Império na Guerra da Cisplatina**. O braço forte que arou o chão ergueu aqui sua morada e a sociedade que sonhou (o termo sociedade é também uma referência à Sociedade Colonizadora Hamburguesa). A imigração "floresceu". Utilizamos "florescer" para remeter às **flores da cidade do príncipe** (Joinville). Porém, é interessante perceber que as flores também são tema recorrente nas ornamentações de elementos das tradições folclóricas alemãs.

Das mesmas águas que trazem lembranças da terra natal
E desafiam a coragem, eu vejo a alegria vencendo o caos

Para um imigrante (ou para seus descendentes), olhar para as águas do Rio Itajaí-Açu é lembrar que elas foram caminho para seu povo, é lembrar de uma identidade que se mantém viva em Blumenau e nas demais cidades de colonização alemã. As mesmas águas que trazem essa lembrança carregada de sentimentos desafiam a coragem desse povo por conta das enchentes. Embora a **primeira Oktoberfest** já estivesse programada antes das **"águas de agosto"**, sua repercussão nacional se deveu principalmente por marcar um renascimento da cidade após a tragédia. Em vários outros anos, a história se repetiu: em agosto ou setembro, o rio invadiu a cidade; em outubro, a reconstrução e a celebração da "alegria vencendo o caos".

Em cada rua que passo
No mesmo compasso, bate o coração
Outubro é festa, a banda a tocar
Me leva a brindar... cerveja pra comemorar!

Procuramos fugir do óbvio e não descrever a Oktoberfest citando seus elementos. Em vez disso, utilizamos recursos poéticos para aludir ao **sentimento de quem vai à festa**. As ruas são tomadas por alegres brincantes e enfeitadas por bandeiras coloridas, arranjos de flores, desfiles de carros alegóricos e grupos folclóricos. **As bandas alemãs (tema da fantasia da bateria)** são a principal atração e com suas músicas animam centenas de milhares de pessoas, que brindam à vida, à alegria e, no caso dos moradores locais, ao sentimento de pertencer à sua comunidade... com **cerveja** pra comemorar!

HOJE O POVO VAI CANTAR, FELIZ
SOU PROTEGIDOS, SOU RAIZ
VOU ME ACABAR, BRINCAR A NOITE INTEIRA
NA ALEMANHA BRASILEIRA

O carnaval e a Oktoberfest se encontram na Passarela Nego Quirido. No desfile da Protegidos da Princesa, que é a raiz do samba de Florianópolis, se farão presentes as raízes das **tradições germânicas em terras brasileiras.** Se o desfecho de nosso desfile será **uma grande Oktoberfest,** nossos componentes e o público se sentirão brincando em Blumenau - cidade que se considera uma "Alemanha brasileira" - numa mistura que só o carnaval pode proporcionar.

G.C.E.R.E.S.

Ala de Compositores

OS PROTEGIDOS DA PRINCESA

Dados técnicos do desfile

Fundada: 18/10/1948

24 titulos

Cores: Verde, Vermelha e Branco

Presidente: Moacyr Gomes

Interprete Oficial: Alan Cardozo

Comissão de Carnaval*: Raphaela Perrut - Coordenadora Carnavalesca
Elson Manoel Pereira - Enredista
Willian Tadeu - Figurinista

*não há um carnavalesco; em vez disso, foi criada uma comissão de carnaval, dividindo as funções do carnavalesco.

Mestre de Bateria: Marcelo Dutra

Diretor de Carnaval: Jorge Simões Lautert

Coord. Decoração Alegóricas: Isabel Brasil

Coordenador da Equipe de Parintins: Mestre Loro

Enredo: «Ein Prosit Oktober» Cerveja: O Pão líquido dos Deuses.

Componentes: 2.100

Alas: 23

Carros Alegóricos: 04 alegorias

Alegorias extras: 02 alegorias

Organograma de Desfile

Comissão de Frente
Alegoria da Comissão de Frente
1º Casa de Mestre Sala e Porta Bandeira
Carro Abre Alas
Ala 1 Povos Mesopotâmicos
Ala 2 Povos Egípcios
Quadripés
Ala 3 Os Romanos - Entre o vinho e a cerveja
Ala 4 - Bateria - Musica para festeja
Ala 5 Passistas
Ala 6 Povos Nórdicos
Cidadão e Cidadã Samba
Ala 7 Monges Cervejeiros
Ala 8 Os Micro organismos e a pasteurização
2º carro - Cervejaria artesanal na idade média na Alemanha
Ala 9 Pomeranos
Corte
Ala 10 Os Soldados Alemães na Guerra da Cisplatina
Ala 11 Colonos Imigrantes
Ala 12 Os Bugres
2º Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira
3º Carro - O Casamento dos Reis da Baviera e o nascimento da Oktoberfest
Ala 13 Flores da Cidade do Príncipe
Ala 14 Águas de Agosto
Ala 15 Baianas - Culinária Alemã
Ala 16 Coreografada - Mulheres Cervejeiras
Ala 17 Cervejarias artesanais
Casais de Mestre Sala e Porta Bandeira Mirim - Fritz e Frida
Ala 18 Tomadores de Chopp em metro
3º Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira
4º Carro - A Arquitetura e a festa Germânica em terras brasileiras
Ala 19 - Comunidade - Se beber não dirija
Ala 20 - Amigos da Protegidos
Ala 21 - Departamento Feminino
Ala 22 - Compositores
Ala 23 - Velha Guarda

Parte I

Do acaso aos mestres cervejeiros da idade média, a cerveja se aperfeiçoou.

Comissão de frente
O Milagre da transformação do pão em cerveja

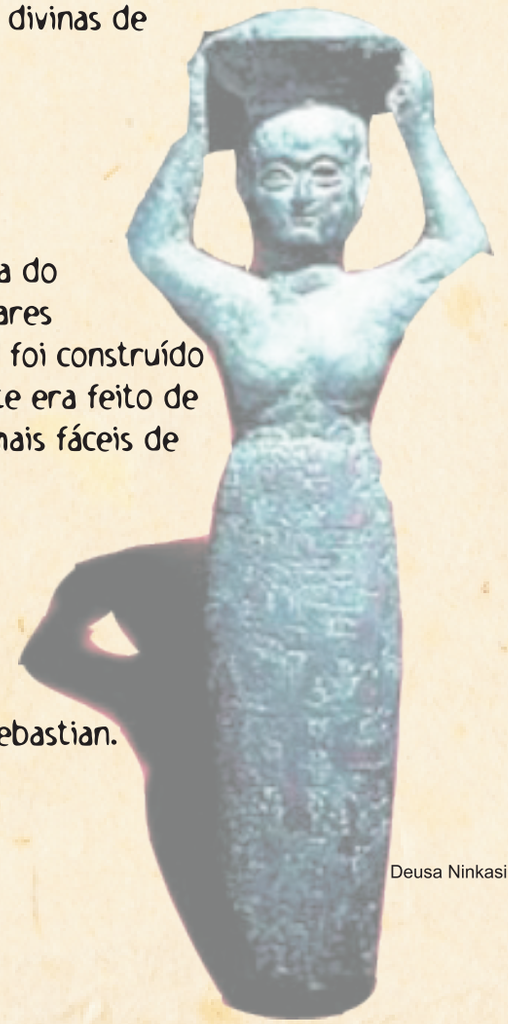
"Chegou fantasia que invade a alma e me faz delirar
Divina criação, o dom de transformar..."

Os Sumérios perceberam que a massa de pão molhada fermentava e ficava melhor. Várias vezes repetido e até melhorado, este processo deu origem a um gênero de cerveja que os sumérios consideravam uma "bebida divina", a qual era, por vezes, oferecida aos seus deuses. Como a cerveja era associada pelos sumérios ao campo do sagrado, nossa comissão de frente abre o desfile nessa atmosfera mágica, evocando as forças divinas de transformação, num grande ritual a Ninkasi, a deusa da cerveja.

Alegoria pertencente à Comissão de Frente

Um zigurate é uma forma de templo criada pelos sumérios e comum para os babilônios e assírios, pertinente à época do antigo vale da Mesopotâmia e construído na forma de pirâmides terraplanadas. O formato geralmente era o de vários andares construídos um sobre o outro, com o diferencial de cada andar possuir área menor que a plataforma inferior sobre a qual foi construído – as plataformas poderiam ser retangulares, ovais ou quadradas, e seu número variava de dois a sete. O centro do zigurate era feito de tijolos queimados, muito mais resistentes, enquanto o exterior da construção mostrava adornos de tijolos cosidos ao Sol, mais fáceis de serem produzidos, porém menos resistentes.

Coreógrafo: Carlos Alberto Cabral
Deusa Ninkasi encenada por Camirê Coutto
Componentes: Rodrigo de Carvalho, Antonio Jorge Araújo, Robson Vilian, Roberta Faraco Santolim, Bruna Barros, Melina Santana, Marcelo Lorenzo, Lucas Angeli, Leandro Passos, Roberto Levi, Edson Albieiro, Helder Barros e Silvio Sebastian.



Deusa Ninkasi

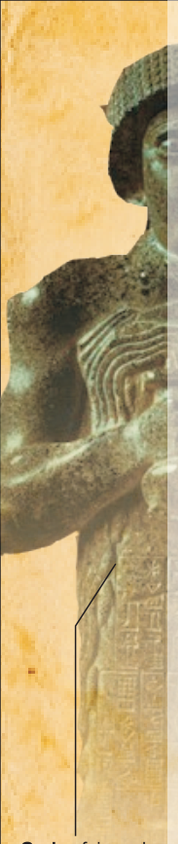
1º Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira

Mestre sala: Tiago Robson Severino (Tiaguinho)
Porta bandeira: Nizilaine Góes Ferreira (Nizi)

O Pão Líquido dos Deuses

Logo ao início do desfile, adentra a avenida o casal de grandes bailarinos, de movimentos cadenciados e graciosos. Trata-se da porta-bandeira, aquela que traz o pavilhão da escola, ladeada pelo mestre-sala, aquele a quem cabe zelar pelo bom desempenho da porta-bandeira.

Os sumérios e outros povos perceberam que a massa do pão , quando molhada, fermentava, ficando ainda melhor. Assim teria aparecido uma espécie primitiva de cerveja, feita a partir da fermentação de grãos de cereal como "pão líquido". Várias vezes repetido e até melhorado, este processo deu origem a um gênero de cerveja que os sumérios consideravam uma "bebida divina", a qual era, por vezes, oferecida aos seus deuses.



Gudea foi um dos mais célebres príncipes e, mais tarde, governador da cidade de Lagash, na Suméria. Em suas inscrições enfatizam a construção de irrigação por canais em templos.

Alegoria I

Carro Abre-Alas
Os jardins suspensos da Babilônia

"Será milagre que a natureza brota em um jardim?"

O Código de Hammurabi, o sexto rei da Babilônia, lugar famoso por seus jardins suspensos, introduziu várias regras relacionadas com a cerveja no seu grande código de leis. Entre essas leis encontrava-se uma que estabelecia uma ração diária de cerveja para os habitantes do reino, conforme seu lugar social. Se os povos mesopotâmicos (entre eles, os babilônicos) dominavam a produção de 20 tipos de cerveja, seriam seus ingredientes cultivados nos famosos jardins?

Observação: não há vestígios arqueológicos que permitam saber com precisão como eram os jardins; para buscarmos uma estética fidedigna, seguimos as principais projeções da historiografia recente, tanto no estilo arquitetônico quanto no estilo decorativo.

O Nome da Escola de Samba Os «Protegidos» da Princesa vem nas mãos da DEUSA INANNA - Senhora do Céu e da Terra.
Deusa muito popular, reverenciada pelos semitas da Mesopotâmia central, onde floresceu a cidade de Babilônia, repleta de ricos e belos templos. A divindade feminina mais fascinante da Mesopotâmia, amante e amada por excelência. Grande deusa suméria do amor.
A maior escultura da alegoria representa a DEUSA NAMU, mãe e origem de toda criação, presente em tudo que existe. É a entidade capaz de criar espontaneamente.

Destaques da alegoria:

Princesa: Figura representativa da Princesa Isabel presente em todos os desfiles, sempre acompanhada da coroa símbolo da Escola de Samba Os Protegidos da Princesa. Representada por Amanda Farias.
Fantasias 1º nivel: Belas dos Jardins
Fantasias 2º nivel: Mulheres mesopotâmicas
Fantasias 3º nivel: Homens mesopotâmicos
Semi destaque: A exuberância dos jardins, por Fernanda Lautert
Destaque Principal: Deusa Ishta, por Raphaela Perrut



Representação dos Jardins Suspensos da Babilônia.



Shedu eram um tipo de "demônio" de *natureza benevolente,* protetor das casas, palácios e cidades. Inicialmente a oriente da Mesopotâmia nos Palácios colossais (várias influências, ambiente cerimonial e repetitivo).

Ala I



Os povos mesopotâmicos

Tanto os Sumérios quanto os Babilônicos ocuparam praticamente o mesmo território; embora em épocas diferentes, eles fizeram da cerveja uma bebida nobre, fonte de energia e de alegria. Ambos os povos em muito contribuíram para o desenvolvimento da cerveja; aliás, aos Sumérios é dado o título de inventores (ou descobridores) da cerveja.

Ala II



Os Egípcios

Os Egípcios também produziam cerveja desde tempos ancestrais, sendo que esta fazia parte da dieta diária de nobres e dos camponeses. Era considerada um alimento, mas também remédio para certas doenças. Um documento médico datado de 1600 a.C. e descoberto nas escavações de um túmulo, descreve cerca de 700 prescrições médicas, das quais 100 contêm a palavra cerveja. A sua importância é também visível nos aspectos religiosos da cultura egípcia. Nos túmulos dos seus antepassados era habitual encontrar provisões de cerveja.

Conjunto cênico

Escravos Egípcios levam cerveja para acalmar a ira dos Deuses

"Traduz a fé em devoção que não tem fim"

Em casos de calamidade ou desastre natural no Egito antigo, era freqüente a oferta de grandes quantidades de cerveja aos sacerdotes, de forma a apaziguar a ira dos deuses. O transporte até os locais sagrados e/ou ritualísticos era feito através de enormes recipientes carregados por grupos de escravos.

Alegoria: 2 andores, acompanhados de um total de 20 escravos oferecendo cerveja aos deuses. Regidos pela Deusa ÍSIS, a mais popular de todas as deusas egípcias, considerada a deusa da família, o modelo de esposa e mãe, invencível e protetora. Usa os poderes da magia para ajudar os necessitados. Ela criou o rio Nilo com as suas lágrimas. Conta a lenda que, após a morte de Osíris, ela transforma-se em um milhafre para chorá-lo, reúne os pedaços de seus despojos, se empenha em reanimá-lo e dele concebe um filho, Horus. Perfeita esposa e mãe ela é um dos pilares da coesão sócio-religiosa egípcia.

Destaque de solo: Deusa Ísis por Lúcia **Bregerron**

Coreógrafa: Geovana Oliveira



Ala III



Os Romanos: entre o vinho e a cerveja

Em 500 a.C. e no período subseqüente, gregos e romanos deram preferência ao vinho. A cerveja passou então a ser a bebida das classes menos favorecidas, muito apreciada em regiões sob domínio romano, principalmente pelos germanos e gauleses. O historiador Tácito, na sua descrição dos germanos, referiu-se a uma bebida fermentada de cevada ou trigo. Foi nessa época que as palavras cervisia ou cerevisia passaram a ser utilizadas pelos romanos, em homenagem a Ceres, deusa da agricultura e da fertilidade.

Ala IV - Bateria

Banda alemã

Não há festa de origem alemã em que não exista uma bandinha caracterizada por suas roupas e uma música alegre e dançante. Os imigrantes alemães tinham sempre um motivo para festejar: o início da safra; a inauguração do sino da igreja; o casamento da filha etc. Durante as Oktoberfests, sejam elas de Munique ou de Blumenau, o desfile das bandas é parte fundamental dos festejos. Nossa bateria une o carnaval ao nosso enredo e nosso mestre conduz a festa.

Sendo a bateria uma ala móvel (que ocupa mais de uma posição ao longo do desfile), buscamos para a fantasia de nossos ritmistas um tema que se relacione ao enredo de maneira global: a música. Seja em rituais aos deuses ou em festejos diversos, o consumo de cerveja está muito ligado à música. Ao contarmos a história da cerveja tendo como desfecho a Oktoberfest, traremos à Nego Quirido a alegria do samba unida à alegria das festas alemãs. Por conta disso, nossa bateria representará as bandas típicas alemãs.



Ala V - Passistas

Guerreiras Nórdicas

As guerreiras eram mulheres solteiras ou viúvas. O posto era temporário e sua duração dependia da mulher guerreira enquanto filha ou da necessidades de vinganças familiares. A partir de imagens da Era Viking sabe-se que ofereciam cornos de bebida (cerveja) aos deuses. Sua estrutura geral e principalmente sua vestimenta lembram um corvo ou águia.

Madrinha das passistas: Fantasia Valkyrja por Maraísa Massanero



Ala VI



Os povos Nórdicos

"Prazer que o tempo não pode apagar"

O vinho das legiões romanas não se impôs aos povos que ficaram fora do Império. A cerveja permaneceu a bebida eleita nas frias regiões nórdicas, fato confirmado pelas lendas e mitologias locais. Por exemplo: nos festejos em honra a Odin, deus da mitologia nórdica, ninguém poderia participar sem antes tomar grandes doses de cerveja.

Cidadão e Cidadã Samba

Cerveja produzidas pelos monges

Em Florianópolis, ocorre anualmente durante os desfiles um tradicional concurso para eleger um casal de passistas como cidadão e cidadã samba.

Abadia de Westmalle - Considerada a melhor tripel do mundo, é uma cerveja complexa, de cor dourada clara, adocicada no paladar.

Cidadão: Ricardo Gomes
Cidadã: Morgana Vieira Matias

Ala VII



Os monges cervejeiros da Idade Média

Na Idade Média, a produção e consumo de cerveja tiveram um grande impulso, muito por causa da influência dos mosteiros, locais onde este produto era não só tecnicamente melhorado, como também produzido, vendido e muito apreciado pelos monges.

Ala VIII



Os microorganismos e a pasteurização

Os estudos de Louis Pasteur sobre o fermento e os microorganismos possibilitaram o início da preservação dos alimentos devido ao método da pasteurização. Tal descoberta possibilitou a preservação da cerveja de um modo mais eficiente.

Alegoria 11

Uma cervejaria da Idade Média na Alemanha e a Lei da Pureza do rei da Baviera

Flor de Lúpulo

"Arte de purificar
Na Alemanha, o sabor"

Na Idade Média, a produção e consumo de cerveja tiveram um grande impulso, muito por causa da influência dos mosteiros, locais onde este produto era não só tecnicamente melhorado, como também produzido, consumido e vendido. Há relatos inclusive de milagres que transformaram água em cerveja, como é o caso de Santa Brígida na Escócia. Seguia a trajetória da cerveja intimamente ligada à religiosidade, dessa vez pelos cristãos. Quando o Duque Wilhelm IV da Baviera criou a lei da pureza, que tornou ilegal o uso de outros ingredientes no fabrico de cerveja que não fossem água, cevada e lúpulo, foi posta em prática em cervejarias tipicamente medievais. Portanto, esta alegoria unirá o ambiente das cervejarias ao ambiente religioso medieval. Trará ainda, na sua maior escultura, a figura do Rei Gambrinus, patrono dos cervejeiros, sendo o primeiro a produzir cerveja usando malte e lúpulo.



Monge cervejeiro com caldeirão artesanal

Destaques da alegoria:
Fantasia Licor azul
Fantasia Sabor do Malte
Fantasia Flor de Lúpulo
Destaque Principal: Fantasia Pale Ale por Marcos Kimura
Destaque de solo: Chama da pureza por Leonardo Schnitt



Rei Gambrinus: o primeiro a produzir cerveja usando malte e lúpulo. É considerado o patrono dos cervejeiros em todo o mundo. O poeta Burkart Waldis escreveu que o Gambrinus aprendeu a arte da fabricação de cerveja a partir de Ísis , a deusa egípcia antiga da maternidade e da fertilidade.



Parte II

O sonho dos imigrantes alemães em Santa Catarina

Ala IX



Os pomeranos

"Em 'novo mundo', eu vi brilhar
'Feliz cidade' em cada olhar..."

A Pomerânia está atualmente parte em território polonês e parte na atual Alemanha. Imigrantes dessa região chegaram ao Brasil em grande quantidade no século XIX. Os descentes dos pomeranos vivem no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Espirito Santo, mas estão principalmente na cidade de Pomerode onde lutam para preservar sua cultura e a língua pomerana.

Ala X



Os soldados alemães da Guerra Cisplatina

Enormes contingentes de alemães lutaram ao lado da coroa portuguesa na Guerra Cisplatina (1824-1828). Com o fim da guerra no sul do Brasil, muitos desses soldados se juntaram aos primeiros imigrantes das colônias alemãs do estado.

Ala XI



Os colonos imigrantes

"Mãos tecendo o progresso
O braço forte arando o chão
Com sangue e suor, ergue a morada..."

Cada família recebia uma série de benefícios ao chegar em terras brasileiras, entre eles, um boi de tração ou um cavalo, duas vacas leiteiras, quatro ovelhas, duas cabras, dois porcos, sementes de trigo, arroz, feijão, milho, linho de cânhamo e óleo de rícino para lâmpadas.

Ala XII



Os Bugres

Ao chegar aqui, as famílias alemãs encontraram terras bem diferentes daquelas prometidas; depois de uma cansativa viagem marítima conheceram um território com pouca infra-estrutura, restrições à liberdade religiosa, doenças tropicais e índios, que chamavam de bugres, com os quais não foi estabelecida uma relação harmoniosa.

Parte III

Oktoberfest: uma festa nascida do casamentos dos príncipes da Baviera

II Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira

Rei Luis I da Baviera e Princesa Tereza da Saxônia

Antecedendo o terceiro carro alegórico, este casal de bailarinos representa o par formado por Luis I da Baviera e Tereza da Saxônia. Seu casamento foi a primeira Oktoberfest, que vem representada na alegoria. Portanto, seu significado está intrinsecamente ligado ao significado da alegoria, que é o cenário de seu casamento.

2º mestre-sala: Renan Rosa Caetano
2ª porta-bandeira: Patrícia Gomes

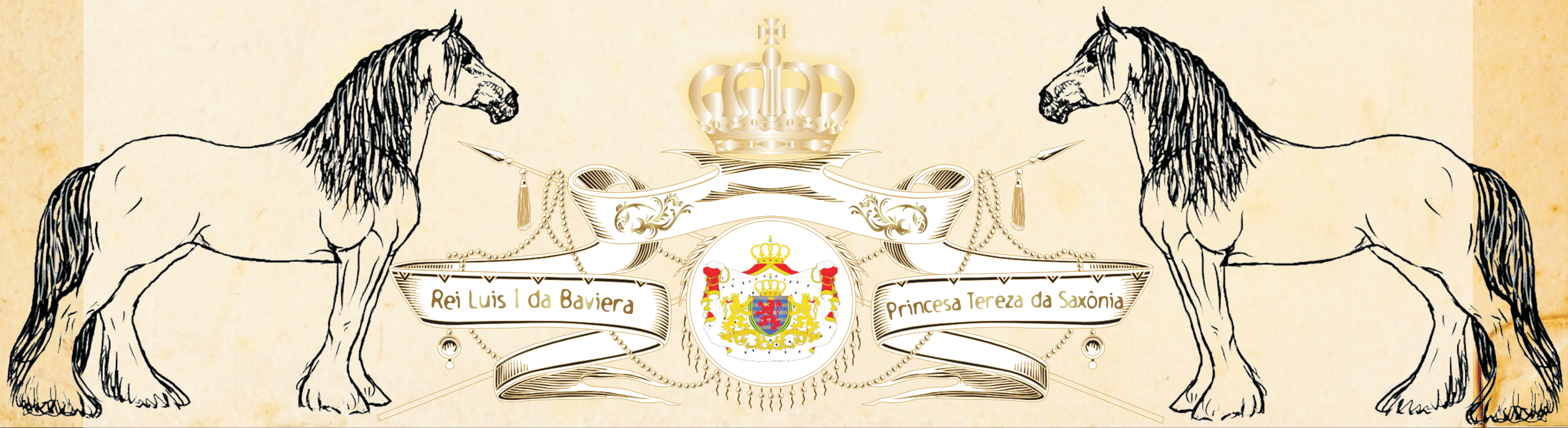
Alegoria III

O casamento dos reis da Baviera e o nascimento da Oktoberfest

"Na Alemanha, o sabor
Com a benção dos deuses, celebra o amor"

Desde 1810 se realiza a Oktoberfest de Munique; naquele ano, aconteceu o casamento do príncipe herdeiro Luís (que se tornou o rei Luis I da Baviera) com a princesa Tereza de Saxe-Hildburghausen, representados por nosso 2º casal de mestre-sala e porta-bandeira. Todos os habitantes da região foram convidados para a festa que aconteceu no mesmo lugar onde hoje se realiza a maior festa da cerveja do mundo: a Theresienwiese. No encerramento da festa, aconteceu uma corrida de cavalos com a presença do Rei da Baviera; o sucesso foi tamanho que a festa se repetiu ano após ano. Posteriormente, a cerveja passou a fazer parte da festa, cada vez mais freqüentada e chegando aos dias de hoje.

Destaques da alegoria:
Fantasia Príncipes da Baviera
Fantasia Princesas da Baviera
Semi destaques: Nobres Soberanos por Roberto Carlos e Marcos Silva
Destaque Principal: A Realeza por Carla Kamuracci



Ala XIII



As Flores da cidade do Príncipe

"Sociedade tão sonhada
'Florescendo' a imigração"

Joinville, a maior cidade alemã do Brasil, deve seu nome a um príncipe francês chamado François Ferdinand, príncipe de Joinville (França), que se casou com a princesa Dona Francisca Carolina, filha de D. Pedro I. O Príncipe recebeu como dote do casamento o território onde hoje está a cidade catarinense, que foi posteriormente vendido a Sociedade Colonizadora Hamburguesa responsável pela colonização alemã do município. Hoje Joinville é conhecida como cidade das flores e é uma forte guardiã do folclore alemão. Não é mera coincidência o fato das flores serem tema recorrente nas ornamentações de elementos típicos...

Ala XIV



As águas de agosto

"Das mesmas águas que trazem lembranças da terra natal
E desafiam a coragem, eu vejo a alegria vencendo o caos!"

Se é verdade que a Oktoberfest de Blumenau não surgiu para recuperar o município das enchentes de 1983 e 1984, seu nascimento em outubro de 1984 foi um símbolo de recuperação da auto-estima da cidade, fortemente abalada pela catástrofe. Sua repercussão nacional se deveu principalmente por marcar um renascimento da cidade após a tragédia. Em vários outros anos, a história se repetiu: em agosto ou setembro, o rio invadiu a cidade; em outubro, a reconstrução e a celebração da "alegria vencendo o caos".

Ala XV (baianas)



A chama da culinária alemã

Nossas baianas trazem a chama da culinária alemã para a avenida: sua fantasia é o fogo aquecendo as panelas onde são preparados pratos tradicionais: chucrute, eisben, bockwurst, Mit rotkol, appfelstrudel, cuca. A influência da migração alemã ao estado de Santa Catarina também é percebida na culinária. Os pratos levam muita carne e condimentos picantes, como mostarda. Apesar dos nomes exóticos eles levam ingredientes conhecidos dos brasileiros, como pão, porco, batata, marreco e salsichas. Os restaurantes da Vila Germânica servem esses pratos para o deleite dos participantes da Oktoberfest de Blumenau. Tudo regado a muita cerveja.

Ala XVI (Coreografada)



Mulheres Cervejeiras

A idéia de vestir-se com roupa típica durante a Oktoberfest também encanta os visitantes estrangeiros e conta com a aprovação geral dos nativos. Afinal, todos querem "festejar como um bávaro". O Dirndl (vestimenta folclórica) para as mulheres são peças indispensáveis no guarda-roupa.

Ala XVII



As cervejarias artesanais

A forte colonização alemã no estado e a paixão dos catarinenses pela cerveja concedem hoje a Santa Catarina destaque nacional pela produção de cervejas artesanais. Existe atualmente uma rota turística das cervejas artesanais, que passa obrigatoriamente por Blumenau.

Casais de Mestre Sala e Porta Bandeira Mirim

Fritz e Frida - Os casais das famílias alemãs

"Em cada rua que passo
No mesmo compasso, bate o coração..."

Durante a Oktoberfest, são comuns os trajes folclóricos inspirados nos bávaros, povo germânico que surgiu na Boêmia, no território da atual República Tcheca, chegando à região da Baviera nos séculos V e VI. A Lederhose (calça curta) para os homens e o Dirndl (vestido folclórico) para as mulheres são extremamente populares nas festas de outubro das cidades povoadas por alemães, inclusive entre as crianças, que costumam ser um carismático destaque durante os desfiles da Oktoberfest de Blumenau.

Ala XVIII



Os tomadores do Chope em metro

Os bons bebedores de cerveja participam do Concurso Nacional de Chope em metro da Oktoberfest de Blumenau. Vence quem tomar ais rápido os 600 ml de chope contidos numa tulipa de 1 metro. 10s78 é o recorde.

III Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira

Tradição germânica

Uma das forças motrizes das festas de outubro é a preservação dos traços culturais herdados dos antepassados. As tradições germânicas são passadas de geração a geração em seus mais diversos aspectos: a dança, a música, a culinária, os códigos de conduta, as vestimentas etc. Para isso, os amantes do folclore se organizam em grupos de dança, bandas, clubes de caça e tiro, entre outros. Além de ser uma grande festa da cerveja, a Oktoberfest é a celebração de toda essa preservação cultural.

3º mestre-sala: Lincon Carmindo
3ª porta-bandeira: Isadora Lima dos Santos

Carro IV

A Oktoberfest e a arquitetura germânica em terras brasileiras

"Outubro é festa, a banda a tocar
Me leva a brindar... cerveja pra comemorar!!"

A Oktoberfest é voltada à preservação das características tradicionalistas, disseminando ainda mais a dança, a música, a gastronomia, o folclore e os costumes alemães. Blumenau recebe anualmente mais de 700 mil pessoas na Vila Germânica para festejar a maior festa alemã das Américas, que também ajuda o desenvolvimento de cervejarias artesanais. Durante os dias de festa, são muitas horas de música, bandas nacionais e alemãs. Os desfiles que acontecem no centro de Blumenau são outra atração da festa, com diversos elementos folclóricos levando alegria às ruas centrais da cidade, nas quais há diversas edificações no estilo enxaimel. Hoje a Protegidos transforma seu desfile numa grande Oktober e propõe um brinde: "cerveja pra comemorar!"

Destaques da alegoria:
Fantasias: As Germânicas
Destaque Principal: A Soberana da Festa por Cristina Hirose



Ala XIX



Ala da Comunidade: Se beber, não dirija

Cerveja combina com alegria, com celebração, com amizade e tudo tem que acabar bem. Assim, no final do desfile a Protegidos quer deixar uma mensagem de paz e saúde a todos. Eleja um amigo para levar o grupo para casa e faça-o fazer o sacrifício da noite: não beber o "pão líquido dos deuses".

Alas Especiais

XX - *Ala Os Amigos da Protegidos
XXI - *Departamento Feminino
XXII - *Ala dos Compositores
XXIII - *Ala Velha Guarda

(*) Representação dos componentes de departamentos da Escola de Samba Os Protegidos da Princesa.

Diretoria Executiva

Presidente: Moacyr Gomes

VicePresidente / Diretor Financeiro: Luiz Carlos Nunes

Diretor Administrativo: Mário Edson Serafim da Luz

Diretor de Carnaval: Jorge Simões Lautert

Diretora de Compras: Patrícia Furtado Vieira Gomes

Diretor de Marketing: José Antonio Jacinto Carriço

Diretor de Relações Públicas e Comunicação: Sione Márcio de Jesus

Diretora Projetos e Promoções Culturais: Aldaléia Farias

Diretora Social: Vera Lúcia de Souza

Diretor de Patrimônio: Jorge Alberto Rodrigues Vilela

Diretor Administrativo Adjunto: Anselmo Jerônimo de Oliveira

Diretora Administrativa Adjunta: Lurdes Maria Fetter da Luz

Diretor de Marketing Adjunto: Alex de Souza Pereira

Diretora Social Adjunta: Ana Claudia de Souza

Diretor de Ensaios: Marcelo da Silva

Presidente Velha Guarda: Bonassis Francisco da Costa Roque

Presidente Departamento Feminino: Maris Estela Ribeiro

Presidente Departamento Feminino: Iara Salete Padilha

Coordenador de Harmonia: Armando Romualdo Farias

Coordenador de Galpão: João Nilo Padilha

Presidente do Conselho Deliberativo: Rodrigo Fernando Beirão

Presidente do Conselho Fiscal: Paulo Bastos Abraham

Conselho Deliberativo

Presidente: Rodrigo Fernando Beirão

Demais membros

Alfredo Júnior
Altamiro José dos Santos
Angela Heisen Amin Helou
Antônio Bulcão Vianna Filho
Aroldo Silva
Carlos Alberto da Silva
Carlos Henrique Bittencourt
Carmem Whendausen Fraga
Dário Elias Berger
Elson Manoel Pereira
Ernani Rosa
Francisco de Assis Filho
Francisco José Baptisttotti
Genésio Silva
Gilmar Knaesel
João Nilo Padilha
José Antonio Jacinto Carriço
Zoraide Ferreira
Laudemar Bittencourt
Leonel Pavan
Luiz Carlos Nunes
Maria Antonia Fraga da Costa
Maria de Fátima Gomes de Oliveira
Mário Augusto Lima
Mário Norberto da Silva
Moacyr Gomes
Patrícia Furtado Vieira Gomes
Paulo Bastos Abraham
Rafael Kuerten
Rodrigo Fernando Beirão
Rogério Whendausen Fraga
Roseli Whendausen Fraga
Silvio Serafim da Luz
Vera de Souza
Walcir Otávio Lima de Oliveira
Walmir Fraga

Comissão de Carnaval 2011

Coordenação Geral: Moacyr Gomes
Diretor de Carnaval: Jorge Simões Lautert
Carnavalesco: Comissão de Carnaval (Raphaela Perrut - coordenadora carnavalesca, Elson Manoel Pereira - enredista, Willian Tadeu - figurinista)
Autor do enredo: Elson Manoel Pereira
Harmonia e evolução: Armando Romualdo Farias
Mestre de bateria: Marcelo Dutra
Presidente da Ala de Compositores: Ubiratan Seixas de Amorim (Bira Pernilongo)
Coordenador de ensaios: Marcelo da Silva
Coordenador de destaques: Raphaela Perrut
Coordenadora de mestre-sala e porta-bandeira: Giovana Oliveira
Coordenadora de ala coreografa: Giovana Oliveira
Coréografo da Comissão de frente: Carlos Alberto Cabral (Carlinhos Cabral)

Subcomissões de carnaval

EQUIPE MUSICAL
Autores do samba-enredo: Conrado Laurindo, Fred Inspiração, Mancha do Cavaco e Willian Tadeu
Violão de 6 cordas: Gustavo Lopes (Gu)
Violão de 7 cordas: Raphael Galcer
Cavaquinhos: Marcelo Campos (Marcelinho do Cavaco) e Fernanda Regina Raulino da Silveira (Fernandinha Silveira)
Intérpretes do samba-enredo: Alan Francisco Cardoso (Alan) - oficial, Carlos de Souza Neves Filho (Carlão), Nelson Phillip da Costa (Nellipe), Leandro G. Nascimento (Zinho Bom Astral), Márcio Martins e Gih
Coordenador do grupo musical: Ubiratan Seixas de Amorim (Bira Pernilongo)

EQUIPE DE BATERIA
Mestre de bateria: Marcelo Dutra
Diretores de bateria: Alessandro Padilha (Leco), Alexandre Farias (Xandeco), Bruno Bittencourt (Mocotó), Edgar da Rosa, João Evaristo Farias de Souza, Paulo José da Silva (Paulão)

EQUIPE DE COMISSÃO DE FRENTE

Coreógrafo: Carlos Alberto Cabral (Carlinhos Cabral)
Componentes: Camirê Coutto, Rodrigo de Carvalho, Antonio Jorge Araújo, Robson Vilian, Roberta Faraco Santolim, Bruna Barros, Melina Santana, Marcelo Lorenzo, Lucas Angeli, Leandro Passos, Roberto Levi, Edson Albieiro, Helder Barros e Silvio Sebastian

EQUIPE DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

Primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira: Thiago Robson Severino (Thiaguinho) e Nizilaine Góes Ferreira (Nizi)
Segundo casal de mestre-sala e porta-bandeira: Renan Rosa Caetano e Patrícia Gomes
Terceiro casal de mestre-sala e porta-bandeira: Lincon Carmindo e Isadora Lima dos Santos
Coordenadora de mestre-sala e porta-bandeira: Giovana Oliveira

EQUIPE DE DESTAQUE DE CHÃO

Rainha: Scheila Lopes
1ª Princesa: Crislaine Marques
2ª Princesa: Ana Gabriele Costa Klinesch
Madrinha de bateria : Winnie da Costa
Cidadão-samba: Ricardo Gomes
Cidadã-samba: Morgana Vieira Matias
Musa da escola: Thaiana Bittencourt
Madrinha das passistas: Maraiza Massanero
Madrinha da Escola: Jaqueline Pagani Luz

EQUIPE DE BARRACÃO

Diretor de barracão: João Nilo Padilha
Coordenadora artística: Raphaela Perrut
Coordenador da equipe de Parintins: Ivaldo S. de Souza (Mestre Loro)
Assistentes: Adriele Lima Xavier e Gabriele Xavier de Souza
Ferragens e robótica: João Pedro Batista Trindade
Ferragens e esculturas de ferro: Clédson Farias, Wescley Souza Cruz e Claudecir da Silva Amazonas
Pintura e escutura: Erivan Lopes e Gilvando Batista
Carpintaria: Cláudio Silveira
Coordenadora de decoração: Isabel Brasil
Equipe de decoração: Bete Libânio, Cristina, Maria Aparecida, Ivan, Caroline, Terezinha, Fábio, Claudete, Élder, Paulo, Rita, Isa, Júnior, Felipe, Renato, San, Gabrielle, Lécio, Cirio, Sônia, Jorge, Washington Luiz, Fábio Vladmir (Cigano)
Responsável pela alimentação: Maris Estela Ribeiro

EQUIPE DE FANTASIAS

Coordenadora de atelier de costura: Eronildes Ramos Napoleão (Loy)
Confecção de mestre-sala, porta-bandeira e comissão de frente: Gilmar Lopes
Confecção de destaques: Raphaela Perrut
Aderecistas de alas: Betinho, Alexandra, Patrícia, Carol, Daniele, Eliete, Giovana, Estelinha Libânio, Cacá, Tude, Leonela, Ieda e Cleide
Aderecistas de destaques: Carlos Perrut, Maria do Socorro e Nicéia Gomes

Agradecimentos

Governo do Estado de Santa Catarina
Prefeitura Municipal de Florianópolis
LIESF - Liga das Escolas de Samba de Florianópolis
PlastKolor

Cerveja pra comemorar!



Produzido por
Jorge S. Lautert